

RESSALVA

Atendendo a solicitação do autor, Pedro Henrique Martins Pereira, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 16/03/2026.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA FILHO” (UNESP)
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN (FAAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

PEDRO HENRIQUE MARTINS PEREIRA

**COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE VALE E INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL**

Bauru

2025

PEDRO HENRIQUE MARTINS PEREIRA

**COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE VALE E INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Gestão e Políticas da Informação e da Comunicação Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Carlo José Napolitano.

Coorientador: Prof. Dr. Pedro Roberto Jacobi.

Bauru

2025

Pereira, Pedro Henrique Martins.

Comunicação e Sustentabilidade na Amazônia: Uma análise comparativa entre Vale e Instituto Socioambiental / Pedro Henrique Martins Pereira. - Bauru, 2025

198 f. : il.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Carlo José Napolitano

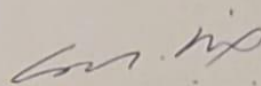
Co-orientador: Pedro Roberto Jacobi

1. Comunicação organizacional. 2. Sustentabilidade. 3. Amazônia. 4. Vale. 5. Instituto Socioambiental I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PEDRO HENRIQUE MARTINS PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 15 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 9h30min, no(a) sala Coonecta e Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de PEDRO HENRIQUE MARTINS PEREIRA, intitulada **Comunicação e sustentabilidade na Amazônia: uma análise comparativa entre Vale e Instituto Socioambiental.** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado CARLO JOSÉ NAPOLITANO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Professora Associada CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Professor Adjunto ANDRÉA CARDOSO VENTURA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Administração / Universidade Federal da Bahia. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Associado CARLO JOSÉ NAPOLITANO



IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta pesquisa traz consigo o potencial de oferecer uma contribuição ao campo de investigações acadêmicas da comunicação organizacional e ambiental, que estão em contínuo desenvolvimento. Diante daquilo que cientistas denominam como tríplice crise ecológica - clima, biodiversidade e poluição -, a humanidade enfrenta hoje um desafio bastante concreto, que demanda uma urgente mudança de rota no modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis e no extrativismo predatório. A comunicação organizacional/ambiental assume, pois, um papel importante no sentido de difundir conhecimentos e estimular comportamentos individuais e coletivos pautados pelos princípios da sustentabilidade, ou seja, do cuidado e da manutenção da vida na Terra.

Em linha com a atuação institucional da UNESP, o estudo aqui apresentado se relaciona com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU à medida em que a comunicação ambiental é uma prática social transversal, que dialoga e interfere em diversas frentes de atuação de combate às injustiças sociais e ambientais. O objetivo 13, por exemplo, trata da necessidade de ações urgentes para combater a mudança climática, especificando a importância da educação e da conscientização nesse processo.

A palavra sustentabilidade se tornou um clichê utilizado muitas vezes sem propósitos claros ou mesmo atrelada a práticas que contrariam os princípios conceituais de sua origem. A comunicação das organizações relacionada às questões ambientais, a depender de quem emite as mensagens, pode acabar por reforçar uma visão superficial, quando não distorcida e enviesada da realidade. Por outro lado, os recursos tecnológicos e o advento da Internet proporcionaram para as ONGs e movimentos sociais um nível de atuação na esfera digital sem precedentes. O que permite a amplificação das mensagens em rede, a articulação de reivindicações e a organização de protestos que podem ganhar proporções para além das fronteiras nacionais.

O presente trabalho oferece referências teóricas e empíricas para qualificar as práticas comunicacionais das organizações que atuam com temas ligados às questões ambientais.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research has the potential to contribute to the field of academic investigations in organizational and environmental communication, which are in continuous development. Faced with what scientists call the triple ecological crisis – climate, biodiversity, and pollution – humanity today faces a very concrete challenge, demanding an urgent change of course in the development model based on the intensive use of fossil fuels and predatory extraction. Organizational/environmental communication therefore assumes an important role in disseminating knowledge and stimulating individual and collective behaviors guided by the principles of sustainability, that is, the care and maintenance of life on Earth.

In line with the institutional activities of UNESP, the study presented here relates to the UN Sustainable Development Goals (SDGs) considering environmental communication as a transversal social practice that dialogues with and intervenes in various fronts of action to combat social and environmental injustices. The SDG 13, for example, addresses the need for urgent action to combat climate change, specifying the importance of education and awareness in this process.

The word sustainability has become a buzzword, often used without clear purpose or even linked to practices that contradict the conceptual principles of its origin. Organizational communication related to environmental issues, depending on who is issuing the messages, can end up reinforcing a superficial, if not distorted and biased, view of reality. On the other hand, technological resources and the advent of the Internet have provided NGOs and social movements with an unprecedented level of activity in the digital sphere. This allows for the amplification of messages online, the articulation of demands, and the organization of protests that can gain proportions beyond national borders.

This academic work offers theoretical and empirical references to qualify the communication practices of organizations working with themes related to environmental issues.

PEDRO HENRIQUE MARTINS PEREIRA

**COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE VALE E INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Bauru (SP), para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Gestão e Políticas da Informação e da Comunicação Midiática

Data da defesa: 15/09/2025

Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Carlo José Napolitano
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Campus de Bauru (SP)

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Roberto Jacobi
USP - Instituto de Energia e Ambiente (IEE) - São Paulo (SP)

Membro titular: Prof. Dra. Caroline Luvizotto
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Campus de Bauru (SP)

Membro titular: Prof. Dra. Andrea Cardoso Ventura
UFBA - Núcleo de Pós-Graduação em Administração/NPGA - Salvador (BA)

Para meu avô Martins (*in memoriam*), um
homem de visão, que sabia a importância de
cair na estrada em busca dos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos lembrando dos que ensinam e demonstram, por meio do exemplo, o que é navegar no mundo da educação e do conhecimento.

À minha mãe, Dona Isabel, pedagoga freiriana, que me ensinou a ter paixão pelos livros. Aos professores da escola Vera Cruz, que ensinaram o gosto pelo texto e incentivaram o cultivo ao espírito crítico. Aos professores da Universidade Católica de Santos, que apresentaram as lentes do jornalismo como um método para olhar o mundo. Aos professores do CELACC/USP, que demonstraram o que é uma sala de aula com potência e debates. Aos professores do PPGCOM/UNESP, que forneceram com maestria e generosidade os elementos necessários para o processo formativo no nível de pesquisa e docência.

Ao meu orientador, professor Doutor Carlo José Napolitano. Sempre muito paciente e disponível, ofereceu as diretrizes com precisão para estruturar a pesquisa com rigor e sem grandes sobressaltos. Ao meu coorientador, professor Doutor Pedro Roberto Jacobi, que gentilmente aceitou compartilhar seu vasto conhecimento na área ambiental. Às professoras Doutoras integrantes da banca, Caroline Luvizotto e Andrea Cardoso, que proporcionaram momentos ápices do meu percurso formativo acadêmico no exame de qualificação e na banca final.

Aos amigos, abertos para boas conversas e encontros, tudo gente fina, elegante e sincera. Entre eles, Fabrício Gandini, oceanógrafo e ambientalista, com o qual pude cultivar a admiração pelo mar e pela gente que vive do mar; Antonio Gossi, professor da graduação e hoje um canal para conversas filosóficas; Victor Theodoro, colega de relações públicas; André Wolmer, colega de congresso e parceiro de produções acadêmicas; Fábio Modesto e Isadora Prestes, colegas de classe e companheiros de “sofrências” do percurso.

Minha companheira Myrian, meu pai, Renato, sua esposa Rosana, meu irmão e minhas irmãs, todos esses também fizeram parte da base afetiva que me permitiu concluir essa árdua - porém gratificante - jornada.

A todos (as), meu muito obrigado.

“Assim, guardo comigo uma esperança que quero compartilhar com a boa consciência brasileira: podemos continuar a lutar pelos índios com certeza de que algum dia toda a sociedade brasileira vai se dar conta de que o Brasil só é Brasil enquanto houver índios, enquanto houver negros, mestiços, mulatos, brancos, japoneses, europeus, imigrantes sul-americanos integrados no sentimento de irmandade e projetando uma nova civilização com mais igualdade entre as gentes, cheia de fartura e plena tolerância.”

(Darcy Ribeiro, 2020, p. 19).

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise comparativa entre a comunicação ambiental e as noções de sustentabilidade expressas pela mineradora multinacional brasileira Vale e pela ONG ambientalista Instituto Socioambiental. Considera-se que as duas organizações atuam enquanto agentes sociais dentro do campo da comunicação ambiental, onde há uma disputa por legitimidade para tratar das questões ambientais. Um dos temas convergentes na comunicação da Vale e do ISA é a Amazônia, maior floresta tropical úmida do planeta, hoje alvo de pressões e ameaças, dentre as quais a própria atividade de mineração em larga escala. O bioma amazônico está próximo de chegar a um ponto de não retorno, o que significa um cenário preocupante em nível global, uma vez que a floresta presta serviços ecossistêmicos fundamentais para o equilíbrio do clima no planeta. O objetivo deste estudo é refletir acerca do papel da comunicação organizacional e ambiental no enfrentamento da atual crise socioambiental. Busca-se analisar a sala de notícias das duas organizações, um espaço midiático que funciona, ao mesmo tempo, como um repositório e uma espécie de agência de conteúdo. Parte das notícias que estão ali publicadas circulam em outros meios, atingindo um público amplo. Para alcançar os objetivos propostos, a análise de conteúdo foi o principal método utilizado, por meio do qual criaram-se categorias analíticas que direcionaram a investigação. A pesquisa bibliográfica acompanhou todo o processo e, como complemento, lançou-se mão da análise documental para tópicos específicos. A amostragem é composta por 86 textos - 22 da Vale e 64 do Instituto Socioambiental -, publicados no ano de 2023. Os resultados demonstram que há convergências entre diversos temas tratados e debatidos pelas duas organizações. No que se refere às diferenças, a Vale demonstra uma noção utilitarista da natureza e se apropria de expressões que a auxiliam na construção de uma imagem de empresa social e ambientalmente responsável. Por sua vez, o Instituto reforça o papel dos povos indígenas na preservação da Amazônia e cobra o Estado para que fortaleça legislação, regulamentação e garantia dos direitos indígenas.

Palavras-chave: Comunicação organizacional; Sustentabilidade; Amazônia; Vale; Instituto Socioambiental.

ABSTRACT

This research presents a comparative analysis between environmental communication and the notions of sustainability expressed by the multinational Brazilian mining company Vale and the environmental NGO Instituto Socioambiental. Both organizations act as social agents within the field of environmental communication, where there is a struggle for legitimacy to address environmental issues. One of the converging themes in the communication of Vale and ISA is the Amazon, the largest tropical rainforest on the planet, currently the target of pressures and threats, including large-scale mining activity itself. The Amazon biome is close to reaching a point of no return, which represents a worrying scenario on a global level, as the forest provides ecosystem services essential to the planet's climate balance. The objective of this study is to reflect on the role of organizational and environmental communication in addressing the current socio-environmental crisis. The aim is to analyze the newsrooms of both organizations, a media space that functions both as a repository and a kind of content agency. Some of the news published there circulates in other media, reaching a wide audience. To achieve the proposed objectives, content analysis was the primary method used, through which analytical categories were created to guide the investigation. Literature research accompanied the entire process, and documentary analysis was also used to complement specific topics. The sample consisted of 86 texts - 22 from Vale and 64 from the Instituto Socioambiental - published in 2023. The results demonstrate convergence between the topics addressed by the two organizations. Regarding the differences, Vale demonstrates a utilitarian notion of nature and uses expressions that help build an image of a socially and environmentally responsible company. In turn, the Institute reinforces the role of Indigenous peoples in preserving the Amazon and calls on the government to strengthen legislation, regulations, and guarantee Indigenous rights.

Key-Words: Organizational communication; Sustainability; Amazon; Vale; Instituto Socioambiental.

RESUMÉN

Esta investigación presenta un análisis comparativo entre la comunicación ambiental y las nociones de sostenibilidad expresadas por la empresa minera multinacional brasileña Vale y la ONG ambiental Instituto Socioambiental. Ambas organizaciones actúan como agentes sociales dentro del campo de la comunicación ambiental, donde existe una lucha por la legitimidad para abordar las cuestiones ambientales. Uno de los temas convergentes en la comunicación de Vale e ISA es la Amazonía, la selva tropical más grande del planeta, actualmente blanco de presiones y amenazas, incluida la propia actividad minera a gran escala. El bioma amazónico está cerca de llegar a un punto de no retorno, lo que representa un escenario preocupante a nivel mundial, ya que el bosque proporciona servicios ecosistémicos esenciales para el equilibrio climático del planeta. El objetivo de este estudio es reflexionar sobre el papel de la comunicación organizacional y ambiental para abordar la actual crisis socioambiental. El objetivo es analizar las salas de redacción de ambas organizaciones, un espacio mediático que funciona tanto como repositorio como una especie de agencia de contenidos. Algunas de las noticias publicadas allí circulan en otros medios, llegando a una amplia audiencia. Para alcanzar los objetivos propuestos, el análisis de contenido fue el método principal, mediante el cual se crearon categorías analíticas para guiar la investigación. La investigación bibliográfica acompañó todo el proceso, y el análisis documental también se empleó para complementar temas específicos. La muestra consistió en 86 textos —22 de Vale y 64 del Instituto Socioambiental— publicados en 2023. Los resultados demuestran convergencia entre los temas abordados por ambas organizaciones. En cuanto a las diferencias, Vale demuestra una noción utilitaria de la naturaleza y utiliza expresiones que contribuyen a construir una imagen de empresa social y ambientalmente responsable. A su vez, el Instituto refuerza el papel de los pueblos indígenas en la preservación de la Amazonía e insta al gobierno a fortalecer la legislación, las regulaciones y a garantizar los derechos indígenas.

Palabras-llave: Comunicación organizacional; Sostenibilidad; Amazonía; Vale; Instituto Socioambiental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – À esquerda, pico do Cauê, em Itabira (MG), em 1948; à direita, ao fundo, o mesmo local, hoje aplainado pela mineração	82
Figura 2 – Banner da campanha da Vale S. A sobre Amazônia, no site da empresa .	92
Figura 3 – Publicidade da então Vale do Rio Doce, em edição do ano de 1970 no jornal O Globo, ironizando o famoso poema de Drummond.....	93
Figura 4 – Capas da publicação Povos Indígenas no Brasil, desde a primeira edição, quando ainda se chamava Aconteceu, até a penúltima, publicada em 2017	103
Figura 5 – Artistas e celebridades em campanha lançada no Dia dos Povos Indígenas, em 2025, com o mote da demarcação das terras indígenas	105
Figura 6 – Menu dá acesso aos textos da sala de notícias	112
Figura 7: Ícone Imprensa abre uma página específica para os conteúdos	112
Figura 8: Página Imprensa disponibiliza o acervo de textos atualizados	113
Figura 9: Texto publicado na sala de notícia da Vale, classificado como ESG e Meio Ambiente.....	114
Figura 10: Aba denominada Notícias, na barra superior dá acesso ao espaço com os textos.....	114
Figura 11: Página Notícias Socioambientais disponibiliza o acervo de textos atualizados	115
Figura 12: Artigo criticando a exploração de petróleo na margem equatorial	174
Figura 13: Artigo alertando para os impactos das mudanças climáticas nas populações vulneráveis.....	175
Figura 14: Reportagem tratando da aprovação do projeto de lei de Mercado de Carbono	175

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Universo de textos das salas de notícia da Vale e do Instituto Socioambiental	117
Gráfico 2 – Corpus de textos das salas de notícia da Vale e do Instituto Socioambiental	118
Gráfico 3 – Notícias da Vale divididas por data (mês) e tema (editoria)	124
Gráfico 4 – Notícias do ISA divididas por data (mês) e tema (editoria)	125
Gráfico 5 – Divisão percentual por categorias - Vale e ISA	139
Gráfico 6 – Divisão percentual por categorias - Vale.....	141
Gráfico 7 – Divisão percentual por categorias – ISA	142
Gráfico 8: Número de notícias de acordo com gênero textual – Vale e ISA.....	170
Gráfico 9: Número de notícias de acordo com autoria de texto – Vale e ISA.....	173
Gráfico 10: Tipos de fontes consultadas nas notícias – Vale e ISA	175
Gráfico 11: Número de notícias de acordo com ângulo noticioso – Vale e ISA.....	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Textos da sala de notícia da Vale.....	118
Tabela 2 – Textos da sala de notícia do Instituto Socioambiental.....	120
Tabela 3 – Grade de divisão de categorias e subcategorias	126
Tabela 4 – Categoria mudanças climáticas.....	128
Tabela 5 – Categoria desenvolvimento.....	129
Tabela 6 – Categoria preservação da floresta	130
Tabela 7 - Categoria proteção dos povos indígenas	131
Tabela 8 - Categoria biodiversidade	133
Tabela 9 - Categoria impactos ambientais	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIE	Agência Internacional de Energia
ANM	Agência Nacional de Mineração
BMD	Bancos Multilaterais de Desenvolvimento
CONAR	Conselho Nacional de Autoregulamentação Publicitária
CDP	Carbon Disclosure Project
CEDI	Centro Ecumênico de Documentação Indígena
ESG	Environment, Social and Governance
FOIRN	Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
GMI	Global Mining Initiative
ICME	International Council on Metals and The Environment
IEA	International Energy Agency
IPCC	International Panel on Climate Change
ISA	Instituto Socioambiental
NDI	Núcleo de Direitos Indígenas
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização das Sociedade Civil de Interesse Público
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RAISG	Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciadas
REDD+	Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação
UC	Unidade de Conservação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UnB	Universidade de Brasília
UNI	União das Nações Indígenas

WEF	World Economic Forum
WRI	World Resources Institute

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	Erro! Indicador não definido.	
2.1	Erro! Indicador não definido.7	
2.2	Erro! Indicador não definido.	
2.2.1	Erro! Indicador não definido.	
2.2.2	Bioeconomia: a nova bala de prata para um futuro sustentável	35
2.3	O setor empresarial frente à problemática ambiental	37
2.3.1	ESG: Quem se importa lucra	39
2.4	A atuação do movimento ambientalista no Brasil	40
2.4.1	O terceiro setor e a questão socioambiental	43
2.5	Amazônia em disputa	45
2.5.1	Tensionamentos entre ambientalismo e desenvolvimentismo na Amazônia	47
2.5.2	A terra rasgada pelo extrativismo da mineração.....	49
2.5.3	A perspectiva de defesa dos territórios	51
3	COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA SOCIEDADE MIDIATIZADA CONTEMPORÂNEA	53
3.1	Sociedade midiaticizada: novas formas comunicativas.....	54
3.2	Interfaces entre comunicação organizacional e ambiental	57
3.3	A comunicação ambiental das organizações empresariais	63
3.3.1	Flertes com o greenwashing	66
3.3.2	A comunicação ambiental enquanto forma de violência simbólica	68
3.4	A comunicação ambiental de organizações do movimento ambientalista	71
3.4.1	Mobilização em redes virtuais	74
3.4.2	O campo ambiental e a disputa pela legitimidade	76
4	VALE E INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL: AS ORGANIZAÇÕES EM FOCO NA PESQUISA	80
4.1	Vale, entre Itabira e Carajás, do Brasil para o mundo	81
4.1.1	A construção da imagem de uma mineração sustentável	85
4.1.2	As catástrofes socioambientais de Mariana e Brumadinho	87
4.1.3	Comunicação, uma estratégia para fortalecer a reputação.....	90
4.2	Instituto Socioambiental e o mapear dos mundos indígenas	94
4.2.1	Financiamentos por meio da cooperação internacional.....	100
4.2.2	Comunicação, uma estratégia para visibilizar demandas	102
5	PERCURSO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DO CONTEÚDO	

	AMBIENTAL.....	107
5.1	O método para a pesquisa	108
5.2	As etapas do trabalho empírico.....	110
5.3	Salas de notícias: espaço midiático e organizacional	111
5.4	A definição do corpus	115
5.5	Categorias temáticas	125
5.5.1	Categoria: Mudanças Climáticas	128
5.5.2	Categoria: Desenvolvimento	129
5.5.3	Categoria: Preservação da Floresta.....	130
5.5.4	Categoria: Proteção dos Povos Indígenas.....	130
5.5.5	Categoria: Biodiversidade	132
5.5.6	Categoria: Impactos ambientais.....	133
5.6	Categorias de comunicação	134
5.6.1	Categoria: Gênero textual	134
5.6.2	Categoria: Autoria	135
5.6.3	Categoria: Fontes	135
5.6.4	Categoria: Ângulo noticioso	137
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS NAS SALAS DE NOTÍCIAS DA VALE E DO INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	139
6.1	Visão geral da distribuição por categorias.....	139
6.1.1	Análise: Mudanças climáticas	142
6.1.2	Análise: Desenvolvimento.....	147
6.1.3	Análise: Preservação da floresta.....	152
6.1.4	Análise: Biodiversidade.....	157
6.1.5	Análise: Proteção dos povos indígenas.....	159
6.1.6	Análise: Impactos ambientais	166
6.2	Análise das categorias de comunicação.....	172
6.2.1	Análise: Gênero textual	172
6.2.2	Análise: Autoria.....	175
6.2.3	Análise: Fontes	177
6.2.4	Análise: Ângulo noticioso	180
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS.....	189

1 INTRODUÇÃO

Nesta introdução, apresentamos a contextualização do tema abordado na dissertação, a questão problema, os objetivos propostos, a justificativa da pesquisa, o marco teórico, as metodologias utilizadas, assim como um resumo de cada um dos capítulos que compõem o trabalho.

O objeto desta pesquisa é a comunicação ambiental e as noções de sustentabilidade difundidas por duas grandes organizações. A primeira é a Vale S.A, mineradora brasileira e multinacional criada em 1942, à época nomeada Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), estatal de importância estratégica para o projeto nacional desenvolvimentista do Brasil. A segunda é o Instituto Socioambiental, uma das ONGs ambientalistas mais antigas e influentes a nível nacional e internacional, atuante na luta dos direitos de populações tradicionais – indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Ambas as organizações produzem regularmente conteúdo midiático relacionado a temas ambientais, veiculado em plataformas como sites institucionais, com espaços reservados a notícias produzidas por equipes internas, as chamadas salas de notícias. Pela ótica da teoria de Bourdieu (2010), compreendemos essa contínua produção simbólica como um esforço empenhado no sentido de conquistar influência e legitimidade.

Mas por que trabalhar com organizações de finalidades tão diferentes em uma mesma pesquisa? Além do fato de atuarem no mesmo campo social (Bourdieu, 2015), o da Comunicação Ambiental, ambas possuem um fluxo contínuo de comunicações de em temas e áreas comuns. Um deles é a Amazônia, bioma brasileiro que tem sido foco de preocupação e de atenção no mundo inteiro devido tanto às riquezas e belezas naturais exuberantes quanto aos graves riscos a que está submetido. Maior floresta tropical úmida do planeta, localizada na parte norte do continente da América do Sul, a região é habitada desde os tempos imemoriais por povos originários que lograram estabelecer uma relação de respeito e equilíbrio com os ecossistemas locais. Atividades humanas como mineração, agropecuária e grandes projetos de infraestrutura, como as hidrelétricas, são, atualmente, vetores de crescentes pressões e ameaças para a construção de uma sociedade pautada pelos valores da sustentabilidade.

Desde 2019, cientistas alertam que o ponto de não retorno da floresta amazônica está perto de ser atingido, o que significaria um desastre ambiental de impacto global. O desmatamento tem causado alterações no ciclo hidrológico da floresta a tal ponto que a umidade pode diminuir drasticamente e resultar em um processo de desertificação. A desertificação também será impulsionada devido à sinergia entre o aquecimento global, que reduz a quantidade de chuvas e aumenta as temperaturas, gerando frequentes queimadas que destroem os ecossistemas (Lovejoy e Nobre, 2020). Há estudos que projetam uma inversão da função primordial da floresta amazônica, que é a absorção de carbono. Ao invés de exercer o papel de um sumidouro de carbono, ela está se transformando em uma fonte emissora de carbono, em decorrência do desmatamento e aquecimento global (Gatti et al, 2020).

Os enormes potenciais e riscos presentes na Amazônia servem de matéria-prima e inspiração para empreendimentos, projetos e mobilizações, tanto por parte do setor empresarial quanto do movimento ambientalista. A comunicação organizacional está, muitas vezes, localizada na origem dessas iniciativas, seja com o propósito de ampliação de visibilidade e no fortalecimento de marca ou na criação de debates públicos e mobilização em torno das causas ambientais. Por meio da Internet, esses conteúdos e mensagens ganham o mundo em segundos, repercutindo nas redes sociais ou na imprensa tradicional. Ao adotarmos a perspectiva de Reis e Zanetti (2017), podemos pensar que a Amazônia, então, se constitui não apenas como um território político e geográfico, mas também midiático, um local de produção simbólica no qual os agentes sociais atuam para fortalecer o poder cultural dentro de um determinado campo.

Diante desse cenário, partindo da premissa de que os dois agentes sociais selecionados para compor nosso objeto de pesquisa – Vale e Instituto Socioambiental – possuem posicionamentos distintos em relação à problemática ecológica, chegamos à seguinte questão problema: quais são as noções de sustentabilidade observadas na comunicação da Vale e do ISA, semelhanças e diferenças?

Para responder a essa pergunta, traçamos três objetivos específicos de pesquisa, listados abaixo:

1. Analisar a sala de notícias da empresa Vale e da ONG Instituto Socioambiental sobre tópicos ligados ao agrupamento temático da sustentabilidade.
2. Compreender, por meio da análise comparativa, em que medida a comunicação atua para fortalecer aspectos reputacionais ou para gerar senso crítico e debate no que se refere às questões socioambientais.
3. Identificar se a comunicação da Vale e do Instituto Socioambiental trabalham aspectos políticos da sustentabilidade.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos três metodologias, previamente concebidas desde o momento do projeto, mas também de acordo com a necessidade que se apresentava em determinado ponto da trajetória da pesquisa. A primeira e principal foi a análise de conteúdo (Bardin, 2000), tanto do ponto de vista da concepção teórica quanto das técnicas, que nos guiou na seleção, categorização e diálogo crítico com os textos extraídos das salas de notícias das duas organizações que compõem o objeto de estudo. Em complemento, utilizamos alguns recursos técnicos da análise documental (Moreira, 2005) ao adentrarmos a relatórios institucionais produzidos pela Vale e pelo ISA no intuito de obter informações que forneciam contexto para a discussão realizada. Por fim, a pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2008) esteve presente em todas as etapas do trabalho, para que fosse possível estabelecer claramente o marco teórico apropriado, apresentar o estado da arte de determinados campos de conhecimento, assim como sistematizar ideias e conceitos.

A opção pelas salas de notícias se deve ao fato de serem espaços que concentram uma boa parte do conteúdo midiático produzido sobre temas diversos e, especialmente, sobre questões relacionadas à Amazônia, o que chamou a atenção para a possibilidade de que se tornasse um elo conectivo e temático entre o conteúdo da Vale e do Instituto Socioambiental. A faixa temporal estabelecida foi o ano de 2023, por ser um ano em que cientistas registraram impactos ambientais em nível recorde na Amazônia, tanto de queimadas quanto de secas. Utilizando as palavras “Amazônia” e “Sustentabilidade” como filtro, aplicado na ferramenta de busca das duas salas de notícia, chegamos a uma amostragem de 86 textos, no total, sendo 22 da Vale e 64 do Instituto Socioambiental, sendo esse, portanto, nosso corpus.

Antes de apresentar o marco teórico e o resumo de cada capítulo, é importante deixar registradas as justificativas para a execução desta pesquisa. A primeira é a necessidade de comunicar soluções e levantar debates diante de uma crise ecológica grave, pois o fazer comunicativo assume um papel importante na propagação de informações e provocação de debates que podem auxiliar a coletividade a tomar decisões fundamentadas pela ciência e por entendimentos políticos que contribuam para garantir a sustentabilidade ecológica.

A segunda justificativa é o movimento existente no campo da comunicação organizacional e ambiental para ampliar o número de investigações com variedade de objetos, abordagens teóricas e metodológicas a respeito das problemáticas sociais e ambientais prementes do século XXI. Em se tratando de um campo que conjuga duas grandes áreas de conhecimento - a comunicação e o meio ambiente - a perspectiva interdisciplinar se faz necessária e tem sido incentivada tanto em programas de pós-graduação como em grupos de pesquisa ou publicações científicas.

A terceira justificativa é o fato de a Amazônia ser um bioma extremamente estratégico para a conservação da biodiversidade mundial, uma vez que possui riquezas biológicas que sequer são conhecidas e sistematizadas pela ciência ocidental. Do ponto de vista da comunicação, tanto grandes corporações e suas marcas quanto entidades ligadas a causas sociais e ambientais estão cada vez mais interessadas em realizar uma cobertura midiática sobre a Amazônia, justamente por se tratar de um tema que está no centro da agenda ambiental.

Uma das partes do quadro teórico que fundamenta esta dissertação tem como base autores que discutem o conceito de sustentabilidade, dentro do binômio sociedade e natureza, como Ignacy Sachs, na proposta de construir uma concepção crítica de desenvolvimento sustentável; José Eli da Veiga, ao apontar para paradigmas econômicos que precisam ser desconstruídos; Eduardo Gudynas, nas investigações sobre a importância de se construir uma ética biocêntrica; e Pedro Jacobi, que trabalha a noção de sustentabilidade atrelada às complexidades de uma sociedade permeada por riscos; entre outros. A segunda parte traz autores que discutem o conceito de midiática e a comunicação enquanto um processo sociocultural complexo, a exemplo de Muniz Sodré, nos apresentando a ideia de um bios midiático como uma nova forma existencial na sociedade contemporânea; José Luiz Braga, que aborda a lógica midiática e as formas midiáticas que os grupos sociais assumem; e Luís Sá Martino, ao considerar que a midiática promove reconfigurações de aspectos de determinadas práticas sociais; entre outros, sempre no intuito de captar fundamentos para dialogar com nosso objeto.

A dissertação está estruturada em sete capítulos, considerando esta introdução como o primeiro deles. No segundo capítulo, apresentamos elementos para compreender a fundo o conceito de sustentabilidade, um território de disputas e dissenso. No terceiro capítulo, com vistas a promover um aprofundamento teórico e a problematização da comunicação, dialogamos com pensadores que apresentam uma perspectiva crítica do fenômeno na contemporaneidade, discutindo conceitos como comunicação organizacional, comunicação ambiental e midiática. No quarto capítulo, traçamos um perfil da Vale e do Instituto Socioambiental, com relatos factuais que demonstram a relação delas com momentos históricos importantes do país. No quinto capítulo, apresentamos as concepções do método utilizado na pesquisa, a análise de conteúdo, além das técnicas utilizadas para chegar à definição de um corpus representativo e, principalmente, a definição das categorias analíticas. No sexto capítulo, procedemos com a sistematização dos dados, de forma a constituir o cerne da discussão, em formato de análise comparativa entre a comunicação da Vale e do Instituto Socioambiental.

A pesquisa permite observar, a partir da análise sistemática e crítica dos dados empíricos, que ambas as organizações dedicam espaço significativo na comunicação organizacional para a discussão da sustentabilidade e dos variados tópicos que o conceito sugere. Tanto para a Vale quanto para o ISA, é um tema estratégico do ponto de vista do fortalecimento institucional, uma vez que a mineradora tem por obrigação a prestação de contas para investidores e órgãos públicos a respeito da conduta ambiental, enquanto a ONG ambientalista busca manter o nível de influência no debate público em defesa das populações tradicionais, fundamentais para a preservação da Amazônia. Por outro lado, existem diferenças importantes, algumas evidentes e outras mais sutis, nas noções de sustentabilidade expressas através da comunicação dessas organizações.

Assim, nas páginas de cada capítulo procuramos trazer elementos - científicos, políticos, históricos - que possam contribuir para uma reflexão acerca do papel da comunicação ambiental diante de uma crise de dimensão global e impactos locais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder à pergunta central de nossa pesquisa, referente às noções de sustentabilidade expressas na comunicação da multinacional Vale e da ONG Instituto Socioambiental, é preciso esclarecer qual é nossa perspectiva para o termo em questão. A partir do diálogo com autores pertencentes a escolas críticas de pensamento (Boff, 2010; Gudynas, 2019; Jacobi, 2024; Löwy, 2013; Sachs, 2002; Veiga, 2015) entendemos que sustentabilidade é um valor cultural e político que pressupõe, necessariamente, a busca por transformações concretas e urgentes no modelo econômico vigente baseado nos combustíveis fósseis. Aspectos sociais e culturais - modos de vida tradicionais -, devem fazer parte dessa visão, para que seja possível efetivamente combater a emergência climática.

Isso posto, após a análise comparativa realizada no capítulo 6, observamos que o tema da sustentabilidade e suas múltiplas variáveis ocupam um espaço significativo na comunicação da mineradora multinacional Vale e da ONG Instituto Socioambiental. Munidas de diferentes estratégias, ambas as organizações atuam dentro de um mesmo campo de práticas - comunicacionais e sociais -, qual seja, o da comunicação ambiental. Esse campo vem se constituindo enquanto espaço de investigações a nível internacional desde, pelo menos, a década de 1970 e, conforme apontam Aguiar e Cerqueira (2012), possui diferentes linhas de pesquisa, com uma diversidade de objetos e pressupostos teóricos. Nosso objeto dialoga diretamente com o esforço realizado por Cox (2010) no sentido de deixar evidentes as peculiaridades dos diferentes agentes sociais atuantes no que poderíamos chamar de “esfera pública verde”, tomando emprestada a expressão do autor acima mencionado.

Por meio da utilização do método de análise de conteúdo, que ofereceu ferramentas para criar categorias analíticas e, mais do que isso, uma abordagem para construir e dialogar com o objeto, se analisou o significado das mensagens relacionadas à noção de sustentabilidade, materializada nas salas de notícia da Vale e do ISA. Ambas manifestam, por exemplo, uma preocupação com a crise climática, que impacta a Amazônia de forma muito intensa e com fortes impactos na biodiversidade e nos povos tradicionais, explicitam uma problemática grave e urgente a ser combatida de maneira coletiva. Tratam, muitas vezes, dos mesmos tópicos, como o do mercado de carbono, por exemplo, que ao ser criado era uma pauta de interesse prioritário de empresas e governos, mas não do movimento ambientalista.

Também demonstram interesse em promover iniciativas direcionadas à preservação da floresta amazônica, principalmente por meio de projetos de restauração florestal, que podem utilizar diferentes técnicas, mas com a mesma finalidade de impactar o solo pelo plantio de

árvores e/ou produtos agrícolas. Conectada à questão florestal pela transversalidade que caracteriza a temática ambiental, a bioeconomia é outro tema que se faz presente nas notícias da Vale e do ISA. Trata-se de uma ideia que, de acordo com Ferreira et. al (2024), nasceu no âmbito de debates visando modelos alternativos de desenvolvimento econômico, mas ganhou força em outros campos sociais, e se ramificou em pelo menos três grandes perspectivas, algumas mais alinhadas às inovações tecnológicas que podem beneficiar os negócios em larga escala e outra, atrelada à valorização dos saberes ancestrais.

Essa proximidade de interesses foi um dos resultados da pesquisa empírica, que revelou um nível de convergência de temas e de mensagens similares mais amplo do que se supunha ao início do trabalho. É o caso de porta-vozes da Vale expressando a mensagem de incentivo a “uma economia mais sustentável, justa e inclusiva” (Vale, 2023) ou, ainda, buscando “desenvolver uma economia que com certeza vai proteger a floresta e as pessoas” (Vale, 2023), uma linha textual e argumentativa característica do movimento ambientalista. Sem nos estender demasiadamente nas citações diretas, cabe notar a semelhança das frases acima mencionadas com a mensagem defendida pelo ISA, de conciliar “o desenvolvimento econômico com a conservação da biodiversidade, reconhecendo a importância fundamental dos conhecimentos e modo de vida dos povos tradicionais” (ISA, 2023). Pertencentes à mesma categoria, *Desenvolvimento*, tais excertos trazem o desafio de discriminar o que defende cada organização em foco na pesquisa, pois no nível da linguagem organizacional, há muitas mensagens similares, e até mesmo o tom de “protetores” do meio ambiente se assemelha.

Respondendo de maneira objetiva a questão-problema da pesquisa, concluímos que a Vale expressa uma noção de sustentabilidade atrelada às soluções de mercado para os problemas ambientais. Exemplo disso é o apoio irrestrito aos mecanismos do mercado de carbono, que, basicamente, permitem a grandes indústrias continuarem poluindo a atmosfera mediante a contrapartida de adquirirem créditos de carbono, a partir de cálculos de reparação que não se sustentam cientificamente. Trata-se, conforme aponta Salviatti (2024), de uma evidente expressão de um crescente movimento de financeirização da natureza, estimulado pelos agentes econômicos globais, apresentado como estratégia do sistema econômico vigente para combater a crise climática. É uma sustentabilidade que, de fato, compreende a necessidade de preservação e cuidado com o patrimônio natural, mas continua a inseri-lo dentro de uma lógica de maximização de lucros, onde áreas verdes são os ativos financeiros.

Por outro lado, a Vale adota um discurso de “empresa do bem”, procurando demonstrar um cuidado para com a natureza e as comunidades vulnerabilizadas por meio de diferentes tipos de parcerias e financiamento a projetos. Temas que antes eram restritos ao

campo acadêmico ou a movimentos sociais, como a bioeconomia, por exemplo, passam a figurar com frequência nas notícias organizacionais. Entendemos se tratar de uma apropriação estratégica e calculada, visando principalmente o fortalecimento reputacional, com jogos de linguagem que se aproximam ou podem, a tomar-se como base as definições de Gatti, Seele e Rademacher (2019), ser classificados como *greenwashing*. A mineradora busca, por meio da comunicação organizacional, constantemente se legitimar perante os públicos de interesse enquanto uma empresa defensora da sustentabilidade.

O Instituto Socioambiental, por sua vez, expressa uma noção de sustentabilidade que insere no primeiro plano questões de cunho social e político, especialmente com relação às populações indígenas. A comunicação da ONG se mostra alinhada aos princípios fundantes da mesma e ao processo histórico formativo da organização, onde havia integração entre intelectuais e integrantes do movimento indígena, para pensar a problemática ambiental a partir de uma ótica *terceiro-mundista*, poderíamos dizer. Segundo Gohn (2008), essa é uma prática de protagonismo civil bastante comum na constituição dos movimentos sociais, em que múltiplos agentes atuam em cooperação. A ideia de sustentabilidade na comunicação do ISA se apresenta, portanto, como um resultado orgânico das práticas sociais, trazendo a perspectiva dos direitos constitucionais, da justiça social e, principalmente, da importância dos povos e territórios indígenas para a preservação ambiental e combate à crise climática.

De maneira parecida à que a Vale agregou temas que originalmente pertenciam a outros campos, o ISA também o fez, como demonstram as notícias sobre mercado de carbono, participando do debate com críticas, mas sem se posicionar frontalmente ao mecanismo, ao contrário de outras entidades do movimento ambientalista e indígena. Esse posicionamento crítico, porém, favorável, merece uma discussão aprofundada, dada a complexidade do tema, algo que foge da proposta desta pesquisa. Nos interessa aqui apenas a constatação de que o instituto acata uma proposta advinda de agentes econômicos dominantes, e não do Estado, para enfrentar a crise climática. Trata-se de uma solução de mercado, que já está em vigência, inclusive com implicações para populações indígenas, provavelmente sendo essa a razão pragmática pela qual o ISA adentrou ao debate.

No que se refere ao fazer comunicacional, à mecânica e estratégias da prática midiática das duas organizações em foco na pesquisa, também observamos semelhanças. Tanto a Vale quanto o ISA se utilizam de dois gêneros jornalísticos para transmitir suas mensagens: informativo e opinativo. Para efeito de precisão, a Vale tem apenas um texto caracterizado como opinativo, mas, de qualquer forma, se assemelha ao ISA pelo uso da linguagem jornalística. Outro recurso em comum é a citação direta a fontes de informação, que conferem legitimidade

aos textos. Porta-vozes institucionais, ONGs e associações e instituições técnicas e especialistas foram as categorias coincidentes em ambas. Por fim, o que chamamos de ângulo noticioso, ou seja, a maneira de olhar para determinado fato ou problemática, onde houve convergências na categoria *institucional*, caracterizada por elementos que reforçam a reputação das organizações.

Se até aqui discorremos sobre o que pode ser visto na comunicação das duas organizações, cabe um comentário sobre certos silêncios. No caso da Vale, detecta-se uma ausência total de notícias sobre populações indígenas, o que chama atenção pois a mineradora lida diretamente com essas comunidades, devido ao perfil da atividade de extração de minérios, realizada em vizinhança a Terras Indígenas (TIs). Por outro lado, nos relatórios de sustentabilidade da empresa, peças de comunicação não massivas, são listadas atividades direcionadas às etnias indígenas, entendidas como stakeholders, ou seja, partes interessadas com as quais se dialoga.

No caso do ISA, não chega a ser uma ausência, mas é uma baixa incidência nas menções e críticas à própria atividade mineradora, que, historicamente, impacta com violência o modo de vida indígena, conforme demonstrado pela bibliografia. Para citar apenas uma, Gay et al (2020) mostra que 115 TIs brasileiras estão associadas a pelo menos um requerimento de lavra mineral, sendo que a maioria já está no estágio inicial de operação. As TIs são localizadas em áreas remotas, que mantêm os ecossistemas e a biodiversidade preservados. Uma única mina em funcionamento pode acarretar desequilíbrios ambientais e, consequentemente, na saúde das populações indígenas. Chama a atenção que essa linha de apuração e histórias não tenha sido foco do ISA, pois o instituto possui equipes de jornalistas especializados e trabalha com a linguagem do jornalismo investigativo ambiental.

Finalizado o percurso de análise, entendemos que os objetivos de pesquisa foram alcançados. Enfatizou-se o papel da comunicação ambiental em duas organizações - Vale e ISA - para verificar em que medida a comunicação atua para fortalecer aspectos reputacionais ou para gerar senso crítico. A análise de um total de 86 textos indica que a comunicação da Vale está mais alinhada a aspectos reputacionais, enquanto a do ISA está mais direcionada a estimular debates na esfera pública, mas não deixa de ter também uma preocupação institucional. No que se refere à abordagem de uma dimensão política da sustentabilidade, devido ao perfil de cada uma, a Vale não adentra a essa dimensão e o ISA traz um enfoque político bastante evidente.

A pesquisa realizada contribui para os campos da comunicação ambiental e organizacional, ao apresentar as especificidades que podem ser encontradas nas mensagens de sustentabilidade de duas grandes organizações que atuam como agentes sociais dentro de um

mesmo campo. A abordagem desenvolvida, por sua vez, explicita semelhanças, diferenças e estratégias comunicacionais que auxiliam na compreensão do funcionamento da esfera pública ambiental em um período histórico marcado pela urgência de ações efetivas para combater a crise ecológica e seus impactos na Amazônia.

Concluindo, acreditamos que o terreno de pesquisas que se propõe a tratar da interface entre comunicação e sustentabilidade é extremamente fértil, o que nos leva a visualizar desdobramentos da presente pesquisa, como, por exemplo, uma ampliação do corpus, onde poderiam ser analisados dados de outros espaços comunicacionais, como as plataformas de redes sociais da Vale e do ISA. Também seria possível selecionar organizações de atuação distinta a essas duas, que possuam incidência mais direta na formulação de políticas públicas para questões ambientais e climáticas. O debate público para buscar saídas às crises que a humanidade enfrenta no século XXI está bastante ativo, com múltiplos interesses em jogo. A comunicação ambiental desempenha, portanto, um papel de extrema importância, o que enseja constantes investigações para aprofundar a reflexão sobre o significado e a influência das mensagens em circulação numa sociedade midiaticizada.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, T. Estudo comprova que Povos Indígenas e Tradicionais são essenciais para a preservação das florestas. Instituto Socioambiental, 9 ago. 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/estudo-comprova-que-povos-indigenas-e-tradicionais-sao-essenciais-para>. Acesso em: 23. Nov 2024
- AMAZONIAN SOCIO-BIODIVERSITY MEETING, 2021. Letter from the Amazon 2021, 2021. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/appforest_uf/fl636128732103x816951933313834600/LETTER%20FROM%20THE%20AMAZON%202021%20PARA%20COP26%20%28EN%29%20vf%20%281%29.pdf. Acesso em: 5 nov. 2024.
- AGÊNCIA NACIONAL DE MINERAÇÃO. Anuário mineral brasileiro: principais substâncias metálicas. Brasília: ANM, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/serie-estatisticas-e-economia-mineral/anuario-mineral/anuario-mineral-brasileiro/PreviamB2022.pdf>. Acesso em: 05. Out. 2023.
- AGUIAR, S.; CERQUEIRA, J. F. Comunicação ambiental como campo de práticas e de estudos. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 13, n. 24:(11-20) jan-jun 2012. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1474/1191. Acesso em: 10. Jun 2025.
- ARTAXO, P. (2020, setembro-dezembro). As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. Estudos Avançados, 34 (100), 54-66. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.005>.
- ANDRADE, M.B.T.; FERRANTE, L.; FEARNSTIDE, P.M. Brazil's Highway BR-319 demonstrates a crucial lack of environmental governance in Amazonia. 2021. Environmental Conservation, V. 48, edição 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0376892921000084>
- BARBIERI, J. C. Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática. São Paulo: Saraiva, 2012.
- BERENGUER et al. Tracking the impacts of El Niño drought and fire in human-modified Amazonian forests. PNAS, v. 118, n. 30, jul. 2021. DOI: 10.1073/pnas.2019377118. Acesso em: 23 nov. 2024.
- BURSZTYN, M. A.; BURSZTYN, M. Desenvolvimento sustentável: biografia de um conceito. In: NACIMENTO, E. P.; VIANNA, J. N. Economia, Meio Ambiente e Comunicação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p.54-58.
- BARROS, A. T. A informação ambiental nos estudos de jornalismo: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal. 2008. 240 p. Tese (Pós-Doutorado) – Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2008.
- BARROS, T. A. Coração da Amazônia, território em disputa: movimento indígena e representação política em campanha contra hidrelétricas. Curitiba: Appris, 2023.

BRAIGHI, A. A; CÂMARA, M. T. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual (2018). In: BRAIGHI, A. A; CÂMARA, M. T. (orgs). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. Belo Horizonte: Cefet (MG), 2018.

BALDISSERA, R. Comunicação organizacional para a sustentabilidade: das estratégias discursivas de imagem-conceito ao comprometimento intersistêmico das marcas. In: FIGUEIRA, J e VINIEGRA, L. M. La gestión de intangibles em el espacio Iberoamericano: construcción de marcas responsables y sostenibles en la economía de la reputación. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. P. 160-172.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. São Paulo: Vozes, 2002. cap. 8. p. 189-217.

BOURDIEU, P; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BUENO, W. da C. Crise reputacional e comunicação de marca: a estratégia da Odebrecht para “lavar” a sua imagem. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 25, n. 2, p. ID28734, 2018. DOI: 10.15448/1980-3729.2018.2.28734. Disponível em: <https://revistaseletronicas.puers.br/revistafamecos/article/view/28734>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BUENO, W. da C. Comunicação, mobilização social e cidadania: aprendendo com a vigilância cívica do terceiro setor. Organicom, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 26, p. 76–86, 2017. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2017.139358. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139358..> Acesso em: 3 jan. 2025.

BUENO, W. da C. Jornalismo ambiental: teoria, prática e pesquisa. São Paulo: JORCOM/Comtexto Comunicação e Pesquisa, 2024.

BLOOMBERG LÍNEA. Empresas escondem práticas ESG para evitar risco de greenwashing, diz estudo, 2022.

BRAGA, J. L. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, J. L. Circuito versus campos sociais. In: MATTOS, M. A; JUNIOR, J. J; JACKS, N (Orgs). Mediação & Midiatização. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BERGAMO et al. The Amazon bioeconomy: Beyond the use of forest products. Ecological Economics, v. 199, Set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2022.107448>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BOFF, L. Cuidar da Terra, proteger a vida: Como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.

BOFF, L. Sustentabilidade: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CARVALHO, D. C. A (in) sustentabilidade na comunicação ambiental de grandes empreendimentos no Brasil: processo comunicacional organizacional na instalação de uma mina de ferro no Pará, 2019. 284f. Tese (Doutorado). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

CASTELLS, M. O poder da identidade. Paz e Terra: São Paulo, 1999.

CDP. Missing the mark: 2022 analysis of global CDP temperature ratings. Disponível em: https://cdn.cdp.net/cdp-production/cms/reports/documents/000/006/544/original/Missing_the_Mark_-_CDP_temperature_ratings_analysis_2022.pdf?1669218468. Acesso em: 16 nov. 2024.

CDP. Corporate Health Check. Disponível em: https://assets.ctfassets.net/v7uy4j80khf8/281Eh1yV0Cj9JiXpPArVRF/99f8d92a5a0ee3aa670765623a33abf1/CDP_Corporate_Health_Check_2025.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025

CHAUÍ, M. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2025.

COELHO, T. P. A questão mineral no Brasil (Vol. 1). Projeto Grande Carajás: trinta anos de desenvolvimento frustrado. Nova Marabá: Editora iGuana.

COX, R. Environmental communication and the public sphere. Thousands Oaks, California: Sage Publication, 2010.

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO. Resumo do relatório CPIBruma, 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/56a-legislatura/cpi-rompimento-da-barragem-de-brumadinho/documentos/outros-documentos/resumo-do-relatorio-leitura-em-reuniao>. Acesso em: 18 jul. 2025.

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V;. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2017.

DIAS, M. do C. O. et al. Manual de Impactos Ambientais: orientações Básicas sobre Aspectos Ambientais de Atividades Produtivas. 1999. 297 p. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_pnla/_arquivos/manual_bnb.pdf. Acesso em: 25 fev. 2019.

DILTHEY, W. Introducción a las Ciencias del Espíritu. Madri: Revista de Occidente, 1956.

ETZIONI, A. Organizações complexas: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas.

FERRARA, L. D. A estratégica empírica da comunicação. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I.; MARTINO, L. C. (orgs). Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Paulus, 2010.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In J. Duarte & Antonio Barros (Org.), Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação (pp. 280-303). São Paulo: Atlas, 2005.

FERREIRA, J et al. A lack of clarity on the bioeconomy concept can be harmful for Amazonian ecosystems and its people. *Economic Ecological*, 224. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2024.108299>. Acesso em 03 nov. 2024.

FLEURY, L. C.; ALMEIDA, J. A construção da hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo v. XVI, n. 4 n p. 141-158 n out.-dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2013000400009>. Acesso em 02 jun 2025.

FINK, L. Carta aos CEOs. BlackRock, 2018. Disponível em: <https://www.blackrock.com/corporate/investor-relations/2018-larry-fink-ceo-letter>. Acesso em 16 nov. 2024.

GABRIEL. J; CHAIB. J. Incentivos fiscais na Amazônia beneficiaram mineração e petróleo, aponta estudo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/09/incentivos-fiscais-na-amazonia-beneficiaram-mineracao-e-petroleo-aponta-estudo.shtml>. Acesso em 05. Out. 2023.

GARRET, R et al. Transformative changes are needed to support soci-bioeconomies for people and ecosystems in the Amazon. *Nature Ecology & Evolution*, v.8, p. 1815-1825, Oct, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41559-024-02467-9>. Acesso em: 5 nov. 2024.

GATTI, L. V.; BASSO, L. S.; MILLER, J. B.; et al. Amazônia as a carbon source linked to deforestation and climate change. *Nature* 595, 388–393 (2021). DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-021-03629-6>. Acesso em: 23 set. 2024.

GATTI, L et al. Amazon as a carbon source linked to deforestation and climate change, 595, 388-393, Jul, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-021-03629-6>. Acesso em: 20 out. 2024.

GIL, G. Algumas notas sobre cultura e ambiente (2003). In: Trigueiro, A. Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 44-57.

GATTI, L.; SEELE, P.; RADEMACHER, L. Grey zone in – greenwash out. A review of greenwashing research and implications for the voluntary-mandatory transition of CSR. *International Journal of Corporate Social Responsibility*. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40991-019-0044-9>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GALTUNG,, J. La Violencia: cultural, estructural y directa. *Fundación Dialnet*, Rioja, n 183, p.147-168, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5832797>. Acesso em: out. 2024.

GONÇALVES, E; ALTINO, L. Mineração em terras indígenas: Saiba quais são as áreas mais visadas pelo garimpo. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/mineracao-em-terras-indigenas-saiba-quais-sao-as-areas-mais-visadas-pelo-garimpo-25428971>. Acesso em: 05. Out. 2023.

GOHN, M. da G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. Caderno CRH, [S. l.], v. 21, n. 54, 2009. DOI: 10.9771/ccrh.v21i54.18982. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18982>. Acesso em: 3 jan. 2025.

GUDYNAS, E. Direitos da Natureza: Ética biocêntrica e políticas ambientais. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GUTILLA, R. W. Como implementar uma estratégia ESG: do propósito à ação. São Paulo: Aberje, 2023.

HABERMAS, J. O Espaço Público 30 anos depois. Caderno de Filosofia e Ciências Humanas, ano 7, n. 12, Rio de Janeiro, 1999.

HANSEN, A.; COX, R. (eds.). The Routledge handbook of environment and communication. Abingdon: Routledge, 2015.

IPCC. Climate Change: Synthesis Report. A Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC_AR6_SYR_SPM.pdf. Acesso em: 03 jan.2025.

INFOMONEY. Empresas da Bolsa não assumem compromissos capazes de atingir meta do Acordo de Paris, Infomoney, São Paulo, 27 jun. 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/business/empresas-da-bolsa-nao-assumem-compromissos-capazes-de-atingir-meta-do-acordo-de-paris/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Almanaque Brasil Socioambiental, 2007. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/almanaque-brasil-socioambiental-2008>. Acesso em: 25 out. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Relatório de atividades, 2024. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/sites/default/files/2025-06/rel2024.pdf>. Acesso em: 14 jul 2025.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n 2, p.223-250, maio/ago 2005. Recuperado_de: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ZV6sVmKTydvNkVNrqshspWH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set.2024.

JACOBI, P. Meio ambiente e redes sociais: dimensões intersetoriais e complexidade na articulação de práticas coletivas. Revista De Administração Pública, 34(6), 131-158, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6353>. Acesso em: 20 nov. 2024.

JACOBI, P. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n 2, p.223-250, maio/ago 2005. Recuperado_de: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ZV6sVmKTydvNkVNrqshspWH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 nov.2024

JACOBI, P. R.; ARRUDA FILHO, M. T.; PIERRO, B. Ambiente e sociedade em tempos de emergência climática: do resgate histórico ao momento atual. *Fronteiras*, v.11, n.3, 35-46, 2022. <http://dx.doi.org/10.21664/2238-8869.2022v11i3>. Acesso em: 10 nov.2024

KOLBERT, E. A sexta extinção: Uma história não natural. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KUNSCH, M. M. K. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. São Paulo: Summus, 2003.

KUNSCH, M. M. K. Estratégias comunicativas nos processos de parcerias para implementação da Agenda 2030 da ONU. *Organicom*, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 39, p. 16–31, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.200234. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/200234>.. Acesso em: 3 jan. 2025.

LAVALLE, A. G.; C, E. Desastre e desgovernança no Rio Doce: Atingidos, instituições e ação coletiva. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2022.

LOVEJOY, T. E.; NOBRE, C. Amazon tipping point: Last chance for action. *Science Advances*. EUA, v. 5, n. 12, 209. DOI: 10.1126/sciadv.aba2.

LIPOVETSKY, G. A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. São Paulo: Manole, 2005.

LOBATO, M. G; COSTA, A. J; LAURENT, F. In: Atlas da Amazônia Brasileira: fatos, dados e saberes da maior floresta tropical do mundo. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/5491394>. Acesso em: 13 jul. 2025.

LOBATO, J. A. M.; NEIVA, R. C. S. Organizações, discursos e práticas em sustentabilidade: um estudo da comunicação ESG em relatórios corporativos. *Organicom*, [S. l.], v. 19, n. 39, p. 71-86, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.200808. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/200808>. Acesso em: 7 jan. 2024.

LUVIZOTTO, C. K.; De Lucena, L. I; Alves, M. C; Ferreira, M. F, (2016). Ativismo socioambiental on-line: uma análise do movimento “uma gota no oceano”. *Revista Geminis*, v. 7, n. 1, p. 75–100, 2016. <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/253>.

LOUREIRO, C. F. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2006. p. 104-161.

LÖWY, M. Crise ecológica e crise de civilização: a alternativa ecossocialista. *Caderno CRH*, Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, Jan/Abr, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000100006>. Acesso em: 10 nov. 2024

MAPBIOMAS AMAZÔNIA. Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/08/FactSheet_Panamazonia_PORTUGUES_09.08_1.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

MARQUES, L. O decênio decisivo: propostas para uma política de sobrevivência. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2023.

MASTINI, R.; KALLIS, G.; HICKEL, J. A Green New Deal without growth? *Ecological Economics*, v. 179, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2020.106832>. Acesso em: 03 nov. 2024.

MALERBA, J; WANDERLEY, L. J; COELHO, T. P. Territórios livres de mineração: construindo alternativas ao extrativismo. Brasília-DF: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios frente à mineração, 2022. Disponível em: <https://territorioslivres.org/o-que-sao-territorios-livres-de-mineracao/livro-territorios-livres-de-mineracao-construindo-alternativas-ao-extrativismo/>. Acesso em: 05.Out. 2023.

MARTINO, L. S. Mídia e poder simbólico. São Paulo: Paulus, 2003.

MARTINO, L. S.; Rumo a uma teoria da midiaticização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-858320190.16-34>. Acesso em: 10. mar 2025.

MENDES, E. D.; SAMPAIO, R. J.; COLAÇÇO, F. M. Justice or just plans? Reviewing the energy transition strategy of Brazil's Ceará state. *Energy Research & Social Science*, Volume 119, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.erss.2024.103865>. Acesso em: 22. Jun 2025.

MIGUEL, K. Manifesto sobre as práticas comunicativas do Greenpeace Brasil e Instituto Socioambiental em cenários de tensionamentos. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, Chasqui, n 144, p. 141-162, agosto a novembro, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7718504>. Acesso em: 09 mar. 2024.

MINAYO, M. C. (org); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016

MELLO, N. A. Desenvolvimento sustentável no Brasil: dilemas e desafios. *Economia, Meio Ambiente e Comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p.39-53.

MOURÃO, I.; OLIVEIRA, I, L. O campo da Comunicação Organizacional na atualidade: direções epistemológicas e desafios. *Organicom*. Ano 21; n. 46; set-dez. 2024

MONTAÑO, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Parecer Pericial. Nº 115/2016/6ªCCR. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/documentos/parecer-115-2016-seap-tupiniquim-e-guarani.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

NAPOLITANO, C. J. A judicialização da política no Supremo Tribunal Federal: análise de julgamentos relacionados à reforma do Estado nos anos 90, 2008. 177f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista.

NETTO, S.; SOBRAL, M. F.; RIBEIRO, A. R.; SOARES, G. Concepts and forms of greenwashing: a systematic review. *Environ Sci Eur* (2020) DOI: <https://doi.org/10.1186/s12302-020-0300-3>. Acesso em: 05 jun. 2025.

NOBRE, C. Está a Amazônia próxima de um ponto de não retorno?”, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cg5Rh5CVm48>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ONU. What is the triple planetary crisis?, 2022. Disponível em: https://unfccc.int/news/what-is-the-triple-planetary-crisis?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwvKi4BhABEiwAH2gcw3UTdTeL-xzX3zGtWYThdj3U7VbyIW5goG6Ty9ENIu9W69s4Fm9kiRoCrBMQAvD_BwE

OROZCO, G.O. Comunicação Social e Mudança Tecnológica: Um Cenário de Múltiplos Desordenamentos (2006) In: Dênis de Moraes (org). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

ORTIZ, R. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2013.

PACTO GLOBAL. Who Care Wins, 2004. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/280911488968799581/pdf/113237-WP-WhoCaresWins-2004.pdf>. Acesso em 07 nov. 2024.

PEREIRA, B. E; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>. Acesso em: 05. Out. 2023.

PORTO, M. F; MARTINEZ-ALIER, J. Ecologia política, economia ecológica e saúde coletiva: interfaces para a sustentabilidade do desenvolvimento e para a promoção da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 23, p.503-512. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007001600011>. Acesso em: 05. Out. 2023.

RAISG. *Amazônia sob pressão*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental, 2021.

RIBEIRO, B, L. Instituto Socioambiental: continuidades e descontinuidades de um processo de institucionalização? Dissertação, 2020. Universidade de Brasília.

RICHARDSON, K. et al (2023, setembro). Earth beyond six of nine planetary boundaries. *Science advances*, 9 (37), 1-16. <http://doi.org/10.1126/sciadv.adh2458>. Acesso em: 15 out. 2024.

REIS, R., ZANETTI, D. *Comunicação e territorialidades: poder, cultura e mídia*. Vitória: EDUFES, 2017.

RODRIGUES, A. D. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond. 2002.

SALOMÃO, A. Agência de mineração mantém ativos processos em 77 terras pleiteadas por indígenas. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/09/agencia-de-mineracao-mantem-ativos-processos-em-77-terras-pleiteadas-por-indigenas.shtml>. Acesso em: 05 out. 2023.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 7-13, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>. Acesso em: 05.out.2023.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2006.

SHIVA, V. Monoculturas da Mente. São Paulo: Gaia, 2023.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

STUMPF, I. R. Pesquisa bibliográfica. IN: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

THE ECONOMIST. ESG should be boiled to one simple measure: emissions. *The Economist*, Reino Unido, 21 jul. 2022. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2022/07/21/esg-should-be-boiled-down-to-one-simple-measure-emissions>. Acesso em: 15 nov. 2024.

UNDRR. The Human Cost of Disasters: An Overview on The Last Twenty Years 2000-2019, 2020. Disponível em: https://www.preventionweb.net/files/74124_humancostofdisasters20002019reportu.pdf

VALE. Relatório de Sustentabilidade, 2015. Disponível em: <https://vale.com/documents/44618/429697/relatorio-de-sustentabilidade-2015.pdf/49b6f3c6-9472-47a6-ce52-cf3b07d0b721?version=1.2&t=1696881218917&download=false>. Acesso em: 13 de ju. 2025.

VALE. Relatório de Sustentabilidade, 2016. Disponível em: <https://vale.com/documents/44618/429697/relatorio-de-sustentabilidade-2016.pdf/a8a22367-6131-3795-b0e1-89e02bdb7128?version=1.3&t=1696881559123&download=false>. Acesso em: 13 de ju. 2025.

VALE. Relatório Integrado, 2024. Disponível em: <https://vale.com/documents/44618/429697/Relato+Integrado+Vale+2024.pdf/2a2958a5-6a68-3b71-867b-9c790c4dc244?version=1.0&t=1744635287383&download=false>. Acesso em: 13 de jul. 2025.

VALOR ECONÔMICO, 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2025/02/20/vale-lucra-r-316-bi-em-2024-queda-de-21.ghtml>. Acesso em: 13 de jul. 2025.

VIOLA, E.; LEIS, H. A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971-1991:

do bissetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável. In: Hogan, Daniel & Vieira, Paulo (orgs.). Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável. Campinas, Unicamp, 1992.

VIOLA, E. J.; VIEIRA, P. F. Da preservação da natureza e do controle da poluição ao desenvolvimento sustentável: um desafio ideológico e organizacional ao movimento ambientalista no Brasil. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 81 a 104, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/8724>. Acesso em: 20 nov. 2024.

VEIGA, J. E da. A emergência socioambiental. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015.

WBCSD. Disponível em: <https://www.wbcsd.org/>. Acesso em: 03 nov. 2024.

WISNIK, J. M. *Maquinação do Mundo: Drummond e a Mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

World Economic Forum. *Global Risks Report*. Disponível em: <https://www.marshmcclennan.com/content/dam/mmc-web/insights/publications/2023/global-risks-report-2023/global-risks-report-2023.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

WRI. Cinco anos de Acordo de Paris: está funcionando? Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/noticias/cinco-anos-de-acordo-de-paris-esta-funcionando>. Acesso em: 04 nov. 2024.

WU, M.; LONG, R.; BAI, Y.; CHEN. Knowledge mapping analysis of international research on environmental communication using bibliometrics. *Journal of Environmental Management*, Volume 298, 2021, 113475, ISSN 0301-4797. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2021.113475>. Acesso em: 10 mai. 2025.

ZÚÑIGA NAVARRO, G. *Los procesos de constitución de Territorios Indígenas en América Latina*. 1998.